

A EDUCAÇÃO DE SURDOS NA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO PROFISSIONAL JOAQUIM NOGUEIRA (FORTALEZA/CE)¹.

Francisco Elias da Silva Filho²

Tereza Sandra Loiola Vasconcelos³

RESUMO

O artigo tem como objetivo fazer uma contextualização sobre a Educação de surdos, analisando o papel da Escola Estadual de Ensino Profissional Joaquim Nogueira, localizada em Fortaleza, no estado do Ceará, como instituição que oferta uma Educação para estudantes surdos e estudantes ouvintes, fazendo uma relação com as políticas educacionais que envolvem estudantes com deficiência. No desenvolvimento da pesquisa, obtivemos alguns resultados relacionados ao atraso escolar dos estudantes, aos preconceitos sofridos pelos estudantes ao longo da vida e as relações desenvolvidas no ambiente escolar. Para conhecimento da realidade dessa escola, realizamos visitas de campo, onde pudemos vivenciar a dinâmica desse espaço e contar com a participação de 01 (uma) das intérpretes de LIBRAS e 26 (vinte e seis) estudantes da escola, obtendo por meio do desenvolvimento de entrevistas estruturadas e aplicação de um questionário, dados que foram discutidos nessa pesquisa.

Palavras-chave: Educação, LIBRAS, Surdos e ouvintes.

INTRODUÇÃO

Todos os cidadãos, como afirmam a Constituição Federal Brasileira de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), nº 9.394 de 1996, têm direito à uma Educação que contribua para a sua vida em sociedade e inserção no mercado de trabalho.

Na busca de minimizar barreiras, existem algumas escolas da rede regular de ensino que têm como objetivo promover uma Educação que envolva os estudantes ouvintes e surdos. Nessas escolas que recebem os estudantes surdos, se faz necessário lançar mão de estratégias que valorizem a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), pois, como destaca Moura (2011, p. 161), “O indivíduo Surdo⁴, como qualquer outro indivíduo, precisa de uma comunicação completa, precisa de uma língua que lhe permita navegar pelo conhecimento de forma completa.”, possibilitando à estes estudantes se relacionarem com toda a comunidade escolar e, assim, contribuir para uma melhor construção do conhecimento.

¹ Esta pesquisa partiu de um trabalho de monografia intitulado “Ensino de Geografia e LIBRAS: os desafios na Escola Estadual de Ensino Profissional Joaquim Nogueira (Fortaleza, CE)”, do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

² Graduado em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Email: elias--07@hotmail.com

³ Professora dos Cursos de Geografia da UECE. Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PROPGeo) da UECE. Email: terezavasconcelos@hotmail.com

⁴ A palavra “surdo” com “S” maiúsculo foi adotada pela autora em sua obra.

Nesse sentido, enfocamos a Escola Estadual de Ensino Profissional (EEEP) Joaquim Nogueira, localizada em Fortaleza-CE, a qual selecionamos para ser o nosso recorte espacial de estudo. A EEEP Joaquim Nogueira iniciou seu funcionamento em 1967 e, desde 2012, recebe estudantes com surdez. Atualmente, possui uma proposta de Educação profissional técnica integrada ao Ensino Médio, oferecendo cursos como técnico em Enfermagem, Hospedagem, Informática, Segurança do trabalho e o de Instrução e Tradução de LIBRAS.

Até o ano de 2019, a escola possui 37 (trinta e sete) professores compondo o corpo docente, com estudantes surdos e ouvintes, matriculados no Ensino Médio Integral. Parte desses estudantes, está matriculada na turma do curso técnico em Instrução e Tradução de LIBRAS, que busca formar os estudantes surdos para atuarem como instrutores de LIBRAS e os estudantes ouvintes como tradutores e intérpretes de LIBRAS.

A carência de pesquisas que relacionassem a Geografia com a comunidade surda no acervo acadêmico da UECE foi um dos principais elementos que motivou o trabalho. Nas visitas realizadas no ano de 2019 à biblioteca da UECE, pudemos verificar as pesquisas que possuíam relação com a comunidade surda. Para as buscas, utilizamos algumas palavras-chave, como: LIBRAS, Educação de surdos, surdez, Geografia para alunos surdos, Educação e surdez, inclusão de surdos e bilinguismo. A partir dessas palavras-chave pudemos identificar a necessidade de ampliação de trabalhos acadêmicos relacionados à comunidade.

Ao digitarmos a palavra “LIBRAS” na aba de busca do sistema da biblioteca da UECE, encontramos 18 (dezoito) registros, 02 (dois) livros e 16 (dezesseis) trabalhos acadêmicos, todos sem relação com a Geografia; por meio da palavra “Educação de surdos”, foram encontrados 05 (cinco) registros, 01 (um) livro e 04 (quatro) trabalhos acadêmicos, todos sem relação com a Geografia; a partir da palavra “surdez”, foram encontrados 07 (sete) registros, 01 (um) periódico e 06 (seis) livros, todos sem relação com a Geografia. Ao buscarmos por trabalhos acadêmicos relacionados com as palavras-chave “Geografia para alunos surdos”, “Educação e surdez”, “Inclusão de surdos” e “bilinguismo” não foram encontrados registros.

Portanto, temos como objetivo contextualizar a Educação de surdos, analisando o papel da EEEP Joaquim Nogueira como instituição que oferta uma Educação para estudantes surdos e estudantes ouvintes, relacionando com as políticas educacionais que envolvem os estudantes com deficiência.

METODOLOGIA

Na metodologia utilizada para essa pesquisa, realizamos levantamentos bibliográficos de obras produzidas por autores, como Brito e Sá (2011), que discutem sobre o estudante surdo na rede regular de ensino; Honora (2014), que trata acerca da inclusão escolar; Jokinen (1999), Skliar (2000), Strobel (2009), Gesser (2009) e Moura (2011), que abordam sobre a Educação de surdos, além de outros.

Também fizemos um levantamento documental, relacionando documentos importantes, tais como: Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 e a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; o Decreto de nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005; e a Declaração de Salamanca de 1994, que se relacionam com a temática da pesquisa.

Durante a pesquisa, foram realizadas 08 (oito) visitas nos meses de fevereiro, março e abril à EEEP Joaquim Nogueira, em que pudemos conhecer a dinâmica escolar e obter dados que foram relacionados com o levantamento bibliográfico da pesquisa.

Em uma das visitas, dialogamos com os estudantes das turmas de 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio do curso de Instrução e Tradução de LIBRAS, sobre o interesse de participarem da pesquisa. Nesse momento, 26 (vinte e seis) estudantes⁵, dentre estes, 14 (quatorze) surdos e 12 (doze) ouvintes, aceitaram contribuir com a pesquisa. Além desses, também contamos com a participação de 01 (uma) das intérpretes de LIBRAS⁶ da Escola.

A obtenção de dados⁷ foi desenvolvida por meio de entrevistas estruturadas e questionários com perguntas fechadas e abertas. Primeiramente, na escola, desenvolvemos entrevistas com a intérprete⁸. Em um segundo momento, dos 26 (vinte e seis) estudantes, entrevistamos 01 (uma) estudante ouvinte⁹ e 01 (um) estudante surdo¹⁰. Os outros 24 (vinte e quatro) estudantes participaram da pesquisa por meio do questionário¹¹.

⁵ Os estudantes possuíam idade de 14 (quatorze) anos a 23 (vinte e três) anos.

⁶ A intérprete expôs ser graduada em Pedagogia e pós-graduada em LIBRAS.

⁷ A utilização dos dados foi autorizada pelos participantes mediante assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. No caso dos estudantes menores de 18 anos, foram coletadas as assinaturas dos seus responsáveis.

⁸ Entrevista concedida no dia 20 de fevereiro de 2019, na EEEP Joaquim Nogueira, localizada em Fortaleza-CE.

⁹ Entrevista concedida no dia 28 de fevereiro de 2019, na EEEP Joaquim Nogueira, localizada em Fortaleza-CE. A entrevista foi desenvolvida com uma estudante ouvinte de 17 anos de idade, do 3º ano do Ensino Médio da Escola.

¹⁰ Entrevista concedida no dia 28 de fevereiro de 2019, na EEEP Joaquim Nogueira, localizada em Fortaleza-CE. A entrevista foi desenvolvida com um estudante surdo de 19 anos de idade, do 3º ano do Ensino Médio da Escola. A tradução de LIBRAS para o Português foi desenvolvida pelos responsáveis da pesquisa, com a colaboração de Marina Figueiredo de Souza, licenciada em Letras LIBRAS e técnica em Instrução de LIBRAS.

¹¹ Questionário utilizado no dia 22 de fevereiro de 2019, na EEEP Joaquim Nogueira, localizada em Fortaleza-CE. Contamos com o auxílio de uma intérprete de LIBRAS para a tradução das perguntas do Português para LIBRAS.

As entrevistas com os participantes ouvintes foram registradas por meio de áudios, posteriormente foram transcritas e utilizadas na pesquisa. Já a entrevista com o estudante surdo foi desenvolvida por meio de gravação em vídeo, posteriormente analisada e traduzida da LIBRAS para o Português.

Durante a utilização das entrevistas na pesquisa, as identidades dos participantes não foram reveladas. Ao citarmos as entrevistas desenvolvidas, adotamos algumas nomenclaturas, como a de “intérprete”, ao nos referirmos a intérprete da escola; e “estudante surdo” e “estudante ouvinte” ao nos referir aos estudantes da escola.

DESENVOLVIMENTO

A escola, como parte da sociedade, é repleta de desafios e barreiras, onde professores e estudantes são desafiados cotidianamente a construir um conhecimento significativo. Assim, a escola também é ambiente cheio de diferenças que, muitas vezes, não são respeitadas. Dentre estas diferenças presentes nas escolas, existem as pessoas com surdez.

A vida em sociedade de pessoas com surdez é marcada por grandes dificuldades, pois “[...] a exclusão em relação aos deficientes há muitos anos vem sendo um comportamento ‘natural’ da sociedade, tanto no passado como na sociedade contemporânea.” (SANTOS e NUNES, 2011, p. 111). Desde séculos passados, “A trajetória histórica dos surdos, vistos como ‘deficientes’, é repleta de preconceitos que continuam determinando sua exclusão social.” (BRITO e SÁ, 2011, p. 200).

Ao se tratar da Educação de surdos, Pereira *et al.* (2011) nos expõem que Charles-Michel de L’Epée foi o fundador da primeira escola para surdos no mundo, na época conhecido como Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris¹², em que se utilizava LSF. Nesse contexto, os surdos, mesmo sem oralizar, podiam ser considerados como “humanos”.

As escolas surgiram como significativos avanços para a Educação de surdos, mas essa trajetória não foi marcada apenas por avanços, pois segundo Skliar (2000) há existência de dois períodos marcantes. O primeiro, entre meados do século XVIII e primeira metade do século XIX, momento em que a língua de sinais era mais utilizada na Educação de surdos; e o outro período, de 1880 em diante, em que a Educação de surdos se resumiu à língua oral, obedecendo às recomendações do II Congresso Mundial de Surdos-Mudos, na data de 1880, em Milão, Itália.

Segundo Strobel (2009, p. 33), tal congresso “[...] foi organizado, patrocinado e conduzido por muitos especialistas ouvintistas, todos defensores do oralismo puro. Do total de

¹² Hoje conhecido como Instituto Nacional de Jovens Surdos de Paris.

164 delegados, 56 eram oralistas franceses e 66 eram oralistas italianos; assim, havia 74% de oralistas da França e da Itália”. De acordo com a autora, dentre as 08 (oito) definições votadas pelo congresso, a definição de número 01 (um) defendia que o método oral deveria ser mais preferido do que a língua de sinais ao educar os surdos. Entre os que mais apoiavam o oralismo, nessa época, estava Alexander Graham Bell¹³. Segundo Gesser (2009, p. 51), “Graham Bell contribuiu de maneira crucial para a negação e a opressão da língua de sinais”.

As definições do Congresso de Milão contribuíram fortemente para a negação da língua de sinais, proibindo os surdos de utilizá-la. A escola, com função eminentemente terapêutica (DORZIAT, 2009, p. 46) e “A proibição do uso da língua de sinais na educação de surdos por mais de cem anos trouxe como consequências baixo rendimento escolar e a impossibilidade de o surdo prosseguir seus estudos em nível médio e superior” (PEREIRA *et al.*, 2011, p. 11).

Diante dessa aprendizagem tardia, percebemos importância da língua de sinais para a Educação de surdos. De acordo com Honora (2014), na segunda metade do século XX, houve o surgimento de uma abordagem denominada “comunicação total”, em que se utilizava a língua oral e de sinais de forma concomitante. Nesse momento, de acordo com Jokinen (1999), a língua de sinais ainda não era vista como uma língua. Machado (2008, p. 62) também destaca que “[...] os sinais passaram a ser utilizados apenas como instrumento de comunicação e não com o status de uma língua capaz de mediar as relações humanas”, pois essa metodologia era utilizada apenas como mais um recurso de comunicação para a aquisição da língua majoritária.

Na atualidade, uma abordagem bastante discutida para a Educação de surdos é o bilinguismo. Pereira *et al.* (2011, p. 13) expõem que o bilinguismo proporciona ao estudante a exposição à duas línguas como, por exemplo, à língua de sinais e à língua oral na modalidade escrita. Contrariando a postura da comunicação total, que visa adequar o surdo à realidade dos ouvintes, “[...] na proposta de Educação Bilíngue construída com a comunidade surda, o surdo não almeja essa adequação, pois, como parte de uma minoria linguística, ele assume sua surdez como uma diferença histórica e cultural” (MACHADO, 2008, p. 67).

Percebemos, que o bilinguismo é uma abordagem de grande importância para a Educação de surdos. Entretanto, Vieira (2014, p. 32) nos adverte que não basta aceitar a

¹³ Alexander Graham Bell foi o criador da Companhia Telefônica Bell, defensor do oralismo e “pregava que a surdez era uma aberração para a humanidade, pois perpetuava características genéticas negativas” (GESSER, 2009, p. 51).

língua de sinais, mas tudo o que vem junto com a língua, como os sujeitos surdos e sua cultura.

No Brasil, o acesso dos surdos à Educação foi gradual, através de algumas conquistas, como a criação de instituições que tiveram como foco o atendimento à população brasileira surda. De acordo com Santos e Nunes (2011, p. 112), a primeira ação em relação a Educação de surdos no Brasil foi a criação do Imperial Instituto dos Surdos-Mudos (IISM), em 1857, em que teve como professor o francês Ernest Huet.

Seguido da criação de instituições que contribuíram para o avanço na Educação de surdos no Brasil, existe uma série de Declarações, Leis e Decretos que visam melhorar as oportunidades para as pessoas com deficiência, tendo, como exemplo, a Declaração de Salamanca (1994, p.7), ao afirmar que as pessoas surdas precisam ter acesso à Educação por meio da língua de sinais do seu país, respeitando as diferenças desses sujeitos.

Na legislação vigente do país, em relação às pessoas com surdez, existem as leis que contribuem com os direitos sociais e oportunidades educacionais, como a Lei de nº 10.436 de 24 de abril de 2002, em que no Artigo 1º, reconhece a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como a língua materna dos surdos brasileiros (BRASIL, 2002).

Contribuindo com esta Lei, foi criado o Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, que orienta como o país deve oferecer o atendimento às pessoas com surdez e quais as obrigações concernentes às instituições superiores que formam profissionais e atuam no atendimento às pessoas com surdez. O Artigo 3º da Lei, afirma que a LIBRAS, como disciplina obrigatória, deve estar presente nos cursos de licenciatura e fonoaudiologia (BRASIL, 2005). O Decreto também trata sobre o tradutor e intérprete de LIBRAS, sendo este fundamental na assistência aos surdos em sociedade e no âmbito educacional. No Artigo 17, afirma que “A formação do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa deve efetivar-se por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras - Língua Portuguesa.” (BRASIL, 2005).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da obtenção dos dados, pudemos comparar as idades dos estudantes surdos e ouvintes da EEEP Joaquim Nogueira, assim, identificando se existia algum atraso escolar. Dos 14 (quatorze) estudantes surdos que participaram do questionário, 10 (dez) estão fora da idade convencional para a Educação Básica – 4 a 17 anos¹⁴. Dentre esses, 1 (um) tem 23 anos

¹⁴ “Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: I - Educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade” (BRASIL, 1996).

de idade, matriculado no 1º ano do Ensino Médio. Já os ouvintes, não possuem tanto atraso escolar, pois do total de 12 (doze) estudantes ouvintes, nenhum possui mais do que 18 (dezoito) anos de idade, nos mostrando que os surdos possuem um maior atraso em relação aos ouvintes.

Ao entrevistarmos uma das intérpretes de LIBRAS da EEEP Joaquim Nogueira, constatamos que ela aprendeu LIBRAS:

Através de amigos, muitas vezes, quando eu morava próximo né?! Morava no meu bairro e tinha surdos [...]. Aí teve uns amigos que são testemunhas de jeová que passaram a me ensinar. Aí eu criei a curiosidade [...] foi quando eu me aproximei dos surdos (INTÉRPRETE).

Na pesquisa, os estudantes da EEEP Joaquim Nogueira também foram questionados se já sofreram algum tipo de preconceito na sociedade. Ao analisarmos as respostas, constatamos que dos 14 (quatorze) estudantes surdos, 11 (onze) disseram ter sofrido algum tipo de preconceito na sociedade. Essa realidade não diz respeito apenas aos surdos, pois dentre os 12 (doze) estudantes ouvintes, 08 (oito) também já sofreram preconceitos.

Os preconceitos e barreiras relatadas¹⁵ pelos estudantes ouvintes foram: “por não ter boas condições financeiras”, “me jugarem pela roupa, por ser gorda”, “pois quando era menor sofria pelo meu peso e falavam coisas pois eu parecia índia”, “por conta da minha infância que foi humilde”, “minha cor-racismo e por ser índia-etinia”, “em relação a minha cor de pele, cabelo”, “em relação a minha aparência”.

Os preconceitos e barreiras¹⁶ enfrentadas pelos estudantes surdos foram: “bullying”, “as amigas afastam de mim”, “sim, já preconceito sem comunicação”, “eu trite muito sempre pouco”, “porquê sociedade chacota que surdo”, “pessoas os muitos buelleny e fofoca as problema meu”, “sim porque pessoas falar sempre mudo”, “porque a eles me falar ‘mudo’ e fofoca”.

Ao analisarmos os relatos, primeiramente percebemos que as experiências de preconceitos dos estudantes são semelhantes. Em segundo lugar, percebemos que a organização das escritas dos estudantes é diferente. Isso se deve ao fato de o Português e a LIBRAS serem línguas diferentes, pois possuem estruturas gramaticais diferenciadas, que, por sua vez, influenciam na organização das palavras em uma frase. Os relatos desses estudantes tornam-se um “convite” à sociedade para refletir e rever as suas práticas.

¹⁵ Relatos obtidos no dia 22 de fevereiro de 2019, na EEEP Joaquim Nogueira, localizada em Fortaleza-CE, por meio de questionário aplicado aos estudantes ouvintes do Ensino Médio da escola.

¹⁶ Relatos obtidos no dia 22 de fevereiro de 2019, na EEEP Joaquim Nogueira, localizada em Fortaleza-CE, por meio de questionário aplicado aos estudantes surdos do Ensino Médio da escola.

Na escola, 01 (uma) estudante ouvinte e 01 (um) estudante surdo, ambos matriculados no 3º ano do Ensino Médio, foram entrevistados sobre como acontece a relação com a comunidade escolar, ou seja, como acontece a relação com os gestores, com os intérpretes, com os professores e com os responsáveis de outros setores. Sobre isso, podemos tecer considerações a partir da fala da estudante ouvinte entrevistada. A estudante expôs:

Então, cada funcionário tem sua função. Então com certeza é de extrema importância, é... [...] seja professor pra ministrar aula, diretor pra organizar a escola em geral, funcionário pra limpeza, enfim... o auxiliar da cozinha [...] a escola né? toda em conjunto, os alunos também é... [...] por exemplo, aos pessoal da cozinha, da limpeza, são pessoas que realmente fazem além do que é sua responsabilidade né?! e... tem até o “vô” que é o funcionário mais antigo aqui daqui da escola, [...] Tenho certeza que todo mundo gosta dele. Em relação à diretora, é uma “mãezona” [...] mas ainda há umas falhas na gestão em relação à falta de comunicação [...] mas a relação com os outros funcionários é bem tranquila (ESTUDANTE OUVINTE).

A fala da estudante ouvinte sobre sua relação com a comunidade escolar nos mostra um entendimento de que a escola é um ambiente que funciona em conjunto, sendo de grande importância a atuação do corpo gestor, dos professores, dos estudantes e demais funcionários na contribuição para um bom ambiente escolar.

Essa discussão sobre a dinâmica escolar também foi proposta ao estudante surdo, em que expôs como acontece a sua relação com a comunidade escolar. O estudante relatou que:

Aqui na EEEP Joaquim Nogueira, a relação é boa [...] mas a comunicação com a diretora é difícil, então aproveito e nos comunicamos por papel escrito, facilitando mais, pois a diretora não tem domínio da LIBRAS [...] Os coordenadores, alguns deles conhecem, têm fluência na LIBRAS, um deles é surdo, então nos comunicamos bem em LIBRAS, incluindo o intérprete de LIBRAS que possibilita a comunicação. Dos professores, a maioria deles não são fluentes em LIBRAS, apenas alguns, porém, na minha opinião deveria ter professor bilingue, se não tem, dificulta a comunicação, então preciso me comunicar pelo papel escrito ou fazer mímica para que o professor possa entender o que eu quero dizer, mas existem poucos professores que têm o domínio da LIBRAS, alguns sabem pouco, outros mais ou menos, outros sabem bem, varia muito. Os alunos estão presentes em cinco diferentes cursos, como LIBRAS, enfermagem, hospedagem, segurança do trabalho, informática... alguns alunos do Ensino Médio aqui da escola que têm interesse na LIBRAS e conseguimos nos comunicar bem [...] em relação aos outros alunos, por exemplo, do curso de enfermagem, eu sou do 3º ano, eles são do 2º ano do Ensino Médio, não conseguimos nos comunicar, então eu uso o papel escrito, também ensino o básico de LIBRAS, então aos poucos eles vão aprendendo o alfabeto, os números e os mais diversos sinais (ESTUDANTE SURDO, tradução nossa).

De acordo com o relato do estudante, percebemos a relação do estudante com a gestão, professores e os outros estudantes, muitas vezes, é marcada por barreiras, como a da comunicação. Entretanto, percebemos que esse estudante surdo não fica segregado das outras pessoas que frequentam o mesmo espaço, convivendo apenas com os outros estudantes surdos que se comunicam pela LIBRAS, mas se mostra disponível às pessoas ouvintes, ensinando-as a sua língua, assim contribuindo para uma maior fluidez nas relações.

Portanto, a partir da pesquisa, percebemos que o cotidiano escolar é marcado por vários desafios, como o do preconceito, da comunicação, das relações escolares, que precisam ser discutidos, e, assim, sejam enfrentados e superados, proporcionando um melhor ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento da pesquisa, em que buscamos discutir sobre a Educação promovida pela EEEP Joaquim nogueira, abordamos a Educação de surdos ao longo da história, fazendo relação com a atualidade.

A temática da pesquisa nos proporcionou o enfrentamento de algumas dificuldades devido a sua complexidade. Dentre as dificuldades, podemos ressaltar a dificuldade de encontrar bibliografias que tratassem sobre a Educação de surdos.

Outra dificuldade enfrentada foi em relação a necessidade de se frequentar os espaços de uma comunidade que se comunica por uma língua diferente da Língua Portuguesa. Essa dificuldade nos incentivou a buscar o aprendizado da LIBRAS a partir de cursos disponibilizados pela UECE, pelo Centro de Referência em Educação e Atendimento Especializado do Ceará (CREAECE) e pela Universidade Federal do Ceará (UFC). O aprendizado dessa Língua foi muito importante para que conseguíssemos nos comunicar com os participantes surdos.

Mesmo com esses desafios, a pesquisa nos forneceu algumas reflexões. Por exemplo, ao tratarmos sobre a Educação de estudantes surdos e estudantes ouvintes da EEEP Joaquim Nogueira, percebemos que os surdos, devido às barreiras que lhes foram impostas, possuem um maior atraso escolar do que os estudantes ouvintes.

A Educação de surdos, ao longo do tempo, foi marcada por um histórico de preconceitos. A partir dos diálogos com os estudantes surdos da EEEP Joaquim Nogueira, percebemos que estes já enfrentaram preconceitos por conta da surdez. Os estudantes ouvintes também nos revelaram ter sofrido com esse problema, como preconceitos relacionados a aparência, cor da pele, entre outros. A partir disso, constatamos que essa realidade de preconceito não ficou reservada aos contextos passados, mas ainda persiste na atualidade, não atingindo apenas aos surdos, mas também aos ouvintes.

As discussões desenvolvidas, assim como os resultados obtidos neste trabalho, poderão contribuir para futuras pesquisas acadêmicas sobre a Educação de surdos, formação de professores e as relações entre professor e estudantes. A pesquisa também poderá contribuir para a desmitificação de concepções em relação às pessoas com deficiência, assim

como à LIBRAS, à surdez e aos surdos, pois as discussões desenvolvidas poderão servir de conhecimento das particularidades da comunidade surda.

Portanto, essa pesquisa não se apresenta como encerrada, mas como uma instigação para o desenvolvimento de futuras pesquisas mais abrangentes. Por exemplo, nessa pesquisa adotamos uma escola específica para tratar sobre temática, mas, em pesquisas posteriores, poderíamos refletir sobre a Educação de surdos a partir de diferentes escolas. Tendo isso em vista, poderíamos fazer uma comparação sobre como acontece a Educação de surdos em escolas para surdos e em escolas onde estão presentes estudantes ouvintes juntamente com estudantes surdos. Por exemplo, poderíamos fazer uma comparação entre o Instituto Cearense de Educação de Surdos (ICES) e a EEEP Joaquim Nogueira, ambas instituições localizadas em Fortaleza-CE.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais: Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 19 jan. 2019

BRASIL. **Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais: Libras e dá outras providências. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 08 mar. 2019

BRASIL. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 18 fev. 2010.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 18 fev. 2019

BRITO, Jane Lindoso; SÁ, Nídia Regina Limeira de. Estudantes surdos na escola regular: questionando o paradigma da inclusão. In: SÁ, Nídia Regina Limeira de (org). **Surdos: qual escola?** Manaus: Valer, 2011, p. 195-124.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Salamanca, 1994. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arq-ivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 24 fev. 2019

DORZIAT, Ana. **O outro da educação: pensando a surdez com base nos temas Identidade/Diferença, Currículo e Inclusão.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?:** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

HONORA, Márcia. **Inclusão educacional de alunos com surdez:** concepção e alfabetização. Ensino Fundamental. São Paulo: Cortez, 2014.

JOKINEN, M. Alguns pontos de vista sobre a educação dos surdos nos países nórdicos. In: SKLIAR, C. (Org.). **Atualidade da educação bilíngue para surdos.** Porto Alegre: Mediação, 1999, p. 105-127.

MACHADO, Paulo Cesar. **A política educacional de integração/inclusão:** um olhar do egresso surdos. Florianópolis: UFSC, 2008.

MOURA, Maria Célia de. A escola bilíngue para surdos: uma realidade possível. In: SÁ, Nídia Regina Limeira de (Org.). **Surdos:** qual escola? Manaus: Valer, 2011, p. 155-168.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha *et al.* **Libras:** conhecimento além dos sinais. São Paulo: Pearson, 2011.

SANTOS, Jonatas Rodrigues dos; NUNES, Flaviana Gasparotti. O aluno surdo na aula de Geografia: alguns elementos para a reflexão sobre a inclusão. In: NUNES, Flaviana Gasparotti (Org.). **Ensino de Geografia:** novos olhares e práticas. Dourados. MS: UFGD, 2011, p. 101-127.

SKLIAR, Carlos. Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação de surdos. In: SKLIAR, Carlos; CECCIM, Ricardo Burg; LULKIN, Sérgio Andrés; BEYER, Hugo Otto; LOPES, Maura Corcini. (Orgs.). **Educação & exclusão:** Abordagens sócio-antropológicas em educação especial. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.

STROBEL, Karin. **História da educação de surdos.** Florianópolis: UFSC, 2009.

VIEIRA, Claudia Regina. **Bilinguismo e Inclusão:** problematizando a questão. Curitiba: Appris, 2014.